



PUBLICAÇÕES PERIÓDICAS
AUTORIZADO A CIRCULAR
EM INVOLÚCRO FECHADO
DE PLÁSTICO OU PAPEL
PODE ABRIRE-SE PARA
VERIFICAÇÃO POSTAL
DE04912011GR



Gaiato

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

QUINZENÁRIO

Fundador: Padre Américo
Director: Padre Júlio
Director-Adjunto: Américo M. S. Carvalho Mendes

5 de Novembro de 2011 • Ano LXVIII • N.º 1765

Preço: € 0,33 (IVA incluído)

Propriedade da OBRA DA RUA ou OBRA DO PADRE AMÉRICO

NIB: 0045 1342 40035524303 98 • IBAN: PT50 0045 1342 40035524303 98 • BIC/SWIFT: CCCMPTPL

Redacção, Administração, Oficinas Gráficas:

Casa do Gaiato • 4560-373 Paço de Sousa
Tel. 255752285 • Fax 255753799 • E-mail: obradarua@iol.pt
Cont. 500788898 • Reg. D. G. C. S. 100398 • Depósito Legal 1239



«Batatinhas»
da Casa do Gaiato
de Malanje.

DA NOSSA VIDA

Padre Júlio

TRAGO de volta o caso tratado há poucas semanas, daquela mãe de duas meninas que por elas tem assumido uma carga pesada, sem horizontes de esperança na resolução do seu maior problema - garantir em seu benefício, a casa onde vivem.

Para que isso aconteça, tem de dar a parte que cabe ao pai de suas filhas, o qual embora sacudindo as suas responsabilidades não abdicou dos seus direitos. Às primeiras, ninguém o obriga; pelos segundos, tem quem o defenda.

Certo é que esta mulher se viu entregue à sua sorte, ainda antes da filha mais nova nascer. Felizmente tem mantido o seu posto de trabalho, e nas horas sobrantes vai aumentando um pouco o seu pecúlio fazendo rissóis.

Quando, pela via judicial, ficaram definidas as obrigações de cada um no respeitante à casa, a mãe ficou a viver nela com as filhas, com direito de preferência, e tinha a convicção de que poderia negociar um terreno que lhe é adjacente com condições para uma nova construção, e assim cumprir o acordado. Chegou a ter promessas nesse sentido, mas o evoluir da situação económica do País, defraudou a sua esperança. Hoje ninguém está interessado em adquirir o terreno, portanto em permitir que ela encontre os meios para resolver o seu problema.

Quando nos veio pedir ajuda, corroborada pelo seu Pároco e Conferência Vicentina, dissemos-lhe logo que não ao pedido que nos fez para ficarmos nós com o terreno. Propriedades, só o nosso trabalho e os meios para o realizar. Era preciso que a paróquia fosse mais longe, e encontrasse maneira de a ajudar - inquietação que lhes deixei.

No entanto, pelo meu lado, não mais os esqueci. Com esta família entregue à sua infelicidade, tenho andado à procura de uma forma de acabar com a sua aflicção. E agora só vejo uma: dar-lhe o valor que necessitam para ficar com a posse da casa, onde possam dormir descansados, o que não acontece hoje, e onde suas filhas possam crescer e fazerem-se mulheres com o amparo da sua mãe extremosa. E como o terreno poderá ser útil para outra família, uma de entre tantas que nos procuram, ficar com ele e construir lá uma casinha que venha a ser mais um foco de luz e esperança para a família pobre que venha a ser a escolhida.

Não sei se os Leitores concordam comigo. O que me leva a pensar assim, como dizia Pai Américo, é por ver a obra pronta antes de começada. □

SINAIS

Padre Telmo

O Manuel Oliveira vai comigo para Malanje, para ajudar o Padre Rafael nos trabalhos do campo e na pecuária.

Temos andado atarefados na procura de sementes e medicamentos para animais.

Cada semente é uma esperança de vida e de frutos. Somos 130 e três refeições por dia. Temos terreno e água. Urgente lançar as sementes no campo. Os Rapazes gostam de ver o nascimento das plantas, de as ver crescer e, embevecidos, olhar os frutos.

Uma grande lição da natureza na educação dos corações. Também a alegria de produzirmos e, cada um, saborear o fruto do seu trabalho.

Mas não chega. Gastamos muito na compra de arroz, massa alimentar, peixe, pão e óleo alimentar. É tudo muito caro.

Também a nossa situação económica se complicou com as avarias dos nossos carros, tractores e camiões. Para tal não há sementes à venda... somente no teu coração pode germinar o dom enriquecedor de uma ajuda.

Nós partimos no dia 29/10; aquela pode ser entregue nas nossas Casas do Gaiato de Portugal.

É um empréstimo. O Senhor vai pagar. □

PATRIMÓNIO DOS POBRES

Padre Acílio

O Património foi particularmente sofrido nesta quinzena. Sofrido, angustiado e flagelado na medida em que assumiu como seus, os padecimentos dos Pobres. É instintivo o chorar, embora, com ele, desafoguemos amarguras.

Ela vinha com uma menina de cinco anos pela mão. Um pano verde cobria-lhe a cabeça envolvendo as orelhas mas sem esconder tudo. Percebia-se que lhe tinha caído o cabelo. Aliás a face anémica e as olheiras largas, fundas e negras, denunciavam profundo sofrimento.

Quando é assim costume parar, esquecer tudo e atender apaixonadamente. — *Sente-se.*

O meu escritório está muito próximo dos Rapazes e de toda a gente. Fecha-se a porta e o mundo é todo nosso.

Ela desafoga, descobrindo, para revelar; eu oiço, para entender e conjugar.

Com quarenta e um anos era já a segunda vez, que a quimioterapia lhe levava os cabelos da cabeça. Agora estava pior, porque as metástases já lhe apanhavam a coluna. As lágrimas eram abundantes e os soluços irreprimíveis!

— *Oh Senhora! Não chore. Controle-se diante da criança* — balbuciei. Já me doíam as duas: — a mãe e a filha. Terminei aqui o longo diálogo que foi secreto, mas tive também de a interromper.

— *Então o que é que a traz à Casa do Gaiato?*

— *Falaram-me de si!* — e com as mãos humedecidas de tanto limpar os olhos, abre a bolsa e tira uns papéis do banco. Eram as prestações atrasadas!

— *O meu marido perdeu o trabalho e, desde Junho, não recebe o subsídio. Por duas vezes foi notificado para ir ao Centro e não recebeu a carta, por erro dos correios. Eles, não estiveram com meias medidas, cortaram-lhe o subsídio de desemprego.* — A família, assim, fica a nadar até perder as forças e ir ao fundo!

Fizeram uma exposição ao chefe dos correios e aguardam, esperançosos, o reatamento da prestação. Os meses vão correndo... Junho... Julho... e já estamos em finais de Outubro. Os bancos não perdoam, nem é com eles as doenças e os enganos dos outros!

Dói-me muito que um casal tenha projectado comprar a sua casa, habite nela há quinze anos, segurando-se no trabalho e na saúde e, inesperadamente, sem alternativas, se veja numa situação destas!

Paguei-lhe duas prestações: 750 euros para calar o banco. Foi tão agradável a Deus esta esmola que o correio me trouxe, dias depois, a mesma quantia. Bendito seja Deus que olha para os seus Pobres!

Era já noite fechada quando outra senhora se apresentou a pedir-me que a oiça!

Fico logo a tremer. Era, na verdade, um drama terrível!

Com uma doença rara nos ossos, exibia-me as articulações dos braços e das pernas com cicatrizes cirúrgicas para implantar as mesmas, artificiais, dado que as naturais já não funcionavam. Encontrava-se a dormir no carro com o filho e já não podia mais.

Para a consolar — parece-nos que o sofrimento dos outros aliviam os nossos — contei-lhe o caso atrás relatado. Nesta altura,

a senhora descobrindo-se, levantou a peruca, que eu julgava uma natural e bela cabeleira, e mostrou-me o crânio pelado: — *olhe como eu estou.*

A Câmara dera-lhe uma casa, sem portas nem janelas. Iria experimentar dormir lá com o filho mas só tinha um pequeno divã.

Deixei-me impressionar tanto, que não contive o choro e descobri o Crucificado com tal evidência que a convidei a sentar-se à mesa, no meu lugar, e a comer uma deliciosa sopa, no meio dos Rapazes, enquanto eu me retirava para me dominar.

— *Amanhã vou a sua casa e conversaremos.* — Fui e vi com os meus olhos. A porta de entrada com o aro rebentado não fechava nem tinha fechadura. Era tão pouca a segurança que os drogados entraram lá, durante a noite, e roubaram-lhe os alimentos que lhe havíamos dado, para o filho.

Nem uma janela! Tudo havia desaparecido. A casa de banho com uma sanita partida e mais nada. A cozinha completamente destruída, vandalizada, nem uma torneira segura os tubos vazios, nem qualquer móvel de espécie nenhuma. Mostrou-me o divã com o lençol e o edredão, onde ambos tinham passado a noite. Era um primeiro andar.

O vizinho do lado, levantara o som do rádio da sua casa em tal nível que incomodava toda a gente. Neste bairro é assim: vale o mais forte, o mais bruto e menos sensível aos outros. Ninguém trava. Todos têm de sofrer. O medo impera. As pessoas são enviadas para ali e que se desenrasquem. Voltamos à selva, na Europa, neste século XXI.

Continua na página 2

Pelas CASAS DO GAIATO

MIRANDA DO CORVO

Alunos do Alternativo

RAPAZ NOVO — A 06 de Setembro, entrou na nossa Casa um Rapaz novo. Chama-se Edgar, tem 8 anos, é guineense e forte, veio da área de Lisboa e frequenta o 2.º ano. Felicidades!

AGROPECUÁRIA — Finalmente, o Verão deste ano despediu-se no Outono, muito tardiamente, como já não acontecia há tanto tempo. Assim, com estragos no nosso País, a chuva, o vento e o frio surgiram com intensidade a partir de 22 de Outubro. A nível da actividade agrária, o calor intenso fez secar a azeitona, que tem caído no chão. Começou-se a apanhar nos nossos olivais, para depois levar a um lagar em Rio de Vide. Estendem-se os panais em volta das árvores, em que se recolhem as azeitonas, depois de se varejar os ramos. Na pecuária, vamos ter de comprar para já um porqueto, enquanto não se abaterem os outros. Os nossos coelhos estão bons. A 25 de Outubro, terça-feira, foi derrubada a palmeira do jardim da nossa Capela, por indicação técnica, com a boa ajuda dos Bombeiros de Miranda do Corvo, a quem agradecemos a colaboração. Essa árvore, com dezenas de anos, estava a ser destruída por uma praga, que se notava com a copa seca, em forma de chapéu-de-chuva. As suas raízes também estragaram o muro de suporte. Atrás da nossa Escola, outra palmeira pequena, doente, também teve de ser retirada. □

LAR DO PORTO

Casal Félix

CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS — Estamos de parabéns, a nossa Conferência faz, este mês, 26 anos que recomeçou, a convite do nosso amigo Sr. Padre Telmo, mais alguns casais gaiatos. Alguns permanecem, mas outros já partiram — estarão sempre no nosso coração.

Neste momento, estamos a dar o nosso melhor, trabalhamos em equipa para tentar dar o nosso amor aos nossos irmãos mais carenciados.

Como devem calcular, e os amigos que já nos acompanham desde o início sabem pelas notícias que vamos dando, que a nossa Conferência, tem tido bons e maus momentos, mas sempre confiantes que o dia seguinte será melhor e nunca perder a fé e confiança.

Felizmente que todos sentimos que tudo o que fazemos é muito pouco, mas é o melhor que sabemos fazer, dar e levar um pouco do nosso amor e tentar suavizar o sofrimento de algumas famílias, que se sentem desintegradas e necessitam de uma palavra amiga, que as saiba orientar e minimizar os danos que a nossa sociedade vai causando ao longo dos anos.

As famílias por nós visitadas, são muito carenciadas, com muitas dificuldades económicas e, neste momento, a nossa Conferência também está a sentir a crise que se instalou no nosso País e não está a conseguir assumir as ajudas que nos pedem. As visitas aos pobres é uma obra gigantesca, as Conferências Vicentinas de todo o País, estão neste momento a ter muitas dificuldades financeiras.

Nas nossas reuniões, os nossos vicentinos, sentimos que as despesas aumentaram, tais como água, luz, renda, material escolar e outros géneros essenciais, uma vez que temos famílias desempregadas como tantas outras deste País.

Por este motivo, queremos apelar aos nossos amigos que dentro das vossas possibilidades, nos ajudem a superar esta crise, porque só assim iremos conseguir ultrapassar esta má onda que nos está a afectar a todos.

A nossa Conferência existe porque os nossos amigos nos ajudam, caso contrário não fazia sentido o nosso trabalho, contamos convosco.

DONATIVOS — Maria Alice, 20 euros. Amiga Maria Teresa, de Lisboa, 20 euros. Assinante 21788, um cheque. Maria Emília, 20 euros. Anónimo, de Gaia, 100 euros. José Maria Lima, 25 euros. Assinante 22890, com os seus 89 anos, a sua oferta.

Agradecemos as palavras amigas e que Deus nos ajude a todos.

O nosso endereço: Conferência de S. Francisco de Assis — Rua D. João IV, 682 — 4000-299 Porto. □

CONFERÊNCIA DE PAÇO DE SOUSA

Américo Mendes

«PASSOU POR CÁ A LILI GOMES» — Por vezes com muito atraso, não temos deixado de dar aqui nota e agradecer, na rubrica da “Partilha”, os contributos dos leitores que vêm acompanhados de carta que os serviços administrativos do Jornal nos fazem chegar às mãos.

Desde Agosto até agora, nestas condições, chegaram-nos da assinante 22890, «uma amiga de sempre», em Rio de Mouro, 100. Não tem nada de que pedir desculpa, nem precisa de ser mais generosa do que o que tem sido. Da assinante 57558, do Porto, soubemos que chegaram 150, em Agosto e em Setembro.

Caso venham pessoalmente ao nosso encontro, como a Lili Gomes, leitora Amiga de há muitos anos, também daremos nota disso. Para os que agora usam menos as cartas e mais o telefone, ou as novas tecnologias do correio electrónico, acrescentamos isso, a partir, de agora, aos nossos contactos.

A todos estes leitores e aos outros de quem não nos chegou notícia escrita, que Deus vos retribua.

Os nossos contactos:

Conferência de Paço de Sousa,
A/C Jornal O Gaiato,
4560-373 Paço de Sousa
E-mail: carvalho.mendes@sapo.pt
Telem.: 965464058. □

**Tiragem média
d'O GAIATO, por edição,
no mês de Outubro,
46.700 exemplares**

PAÇO DE SOUSA

LAR DO PORTO — Com a entrada do Outono, já se começou a sentir o frio e a chuva — já se verifica um manto de folhas no nosso quintal e a queda dos kiwis também já se tem vindo a notar com alguma intensidade; portanto, os dois rapazes que não têm aulas de tarde, juntamente com a D. Henriqueta, têm tratado do nosso quintal e, posteriormente, vão estudar para obter bons resultados. Bom trabalho e bom estudo!

PAI AMÉRICO — No passado dia 23 de Outubro, celebraram-se os 124 anos do nascimento do nosso Pai Américo.

Todos os anos, Amigos nossos, na véspera do aniversário, trazem bolos. Também, e já é habitual, um senhor oferece-nos um grande e saboroso bolo, para festejarmos com mais sabor o aniversário de Pai Américo.

Obrigado amigos.

CATEQUESE — Iniciou-se um novo tempo de Catequese na nossa Aldeia. A D. Preciosa ficou com os «Batatinhas»; a D. Adelaide ficou com

os graúdos; e o Almeida, um antigo gaiato, irmão mais velho, ficou com os Rapazes mais jovens. A importância da Catequese ser dada pelos irmãos mais velhos, é uma graça e uma ideia defendida pelo nosso Pai Américo.

OBRAS — Os rapazes que habitavam a casa 4 foram ocupar a casa 2 e, assim, deu-se início às obras necessárias naquela casa, para ficar agradável como a casa 3 ficou.

Zé Reis

DESPORTO — Depois de alguns treinos, como temos vindo a anunciar, eis que chegou a hora de fazer o primeiro jogo da época. Recebemos os Juniores do G. D. Águas Santas, onde tudo decorreu com a maior normalidade. Os Rapazes de Águas Santas apresentaram-se na sua máxima força e, deram trabalho que chegue. Mesmo assim, os nossos Rapazes, briosos como não há outros, fizeram uma primeira parte excelente. Apesar de terem praticamente alugado meio campo, não foram, assim, tão eficazes na concretização. Ainda há, como não podia deixar de ser, muito trabalho pela frente.

Fábio, que fez a sua estreia no Grupo Desportivo, foi o melhor em

campo. Sabe o que faz e, pelo que me foi dado ver, a exemplo de mais alguns, não tem boca... Contudo, não te envaideças! A vaidade, é pior que o bicho da madeira. Rói silenciosamente! Já o Ronaldo, apesar de não ter estado bem, longe disso, continua com muita falta de humildade... e em nada o favorece!

Com as mexidas que se fizeram ao intervalo, a segunda metade não foi tão boa, apesar de os jogadores que entraram, em nada fossem inferiores aos da primeira. Mas... foram 45 minutos mais mastigados.

Mesmo assim, conseguimos no primeiro jogo, a primeira vitória, com golos de Erickson, tendo inaugurado o marcador; Hugo Pina, fez o gosto ao pé aos 25 minutos; e, Joaquina, bisou, sendo o segundo, um golo espectacular. 4-1, resultado final. O golo que sofremos, foi fruto de uma brincadeira do nosso guarda-redes que, independentemente disso, esteve impecável. Promete! Vamos ver se tem estaleca para aguentar a pressão dos jogos que se avizinham. Não vai ser nada fácil!

O árbitro, foi o presidente do Águas Santas, que fez um excelente trabalho. É daqueles que não faz o peixe caro e trabalha por amor à causa.

Alberto («Resende»)

PAI AMÉRICO

Padre João

OCORREU, no passado dia 23 de Outubro, mais um aniversário do nascimento do Padre Américo. Era 1887, esse longínquo ano; esse dia já sumido na memória do calendário... Américo Monteiro de Aguiar foi o nome de Baptismo do oitavo filho de uma prole confortável.

Mais tarde, chamado «Pai Américo!». Primeiramente, assim apelidado, com toda a propriedade, pelos seus Gaiatos. Como o ciúme nunca tivesse sido maleita que o apoquentasse, aceitou que o povo anónimo e simples — muito dele bafejado pelo odor da sua caridade — se fosse apropriando da sublimidade desse nome, invocando também a sua paternidade, tal era a capacidade extraordinária de amar que intuía na sua pessoa...

No mesmo sentido ia ganhando corpo uma visão eclesial da

sua pessoa e acção que se foi impondo à própria Igreja. Muitos leigos, membros de «confrarias», conferências vicentinas, grupos sócio-caritativos e outros de índole catequética, assumem na sua caminhada de fé, a profundidade teológica da vida do Padre Américo. Bispos há, juntamente com muitos outros clérigos, com interesse, não apenas no seu processo de beatificação, mas em considerá-lo uma mais-valia também para o processo da Nova Evangelização. E alguns, conhecedores desta importância, não hesitam em tratá-lo de «Pai Américo», filial e carinhosamente.

Aliás, a Conferência Episcopal Portuguesa, por ocasião do quinquagésimo centésimo aniversário do seu nascimento não deixou de referir o facto, em termos apropriados e oportunos, referindo-se

ao Padre Américo como «Uma jóia da Igreja em Portugal».

O Padre Américo é, de facto, uma pérola muito preciosa nascida do coração da Igreja em Portugal. Assim, urge evitar que tal venha a ser delapidada seja por quem for!

Na ocasião de mais um aniversário do seu nascimento pedimos a Deus que nem a inércia do tempo, nem a incapacidade de ver mais longe, mais alto, deixem soçobrar este nome que «deixou Portugal mais rico» e a Igreja mais convincente no seu testemunho teológico.

A memória da sua paternidade, ainda guardada em tantos bairros com casinhas que ostentam a memória do movimento por si desencadeado, de ajuda à autoconstrução, denominado de Património dos Pobres, seja um desafio a acções concertadas, nos tempos difíceis que tanta gente enfrenta, principalmente os mais desprotegidos. □

PATRIMÓNIO DOS POBRES

Padre Acílio

Continuação da página 1

Regressei a Casa e, após o almoço, na sala de jantar, perguntei à assembleia quem se oferecia para ir comigo levar as mobílias aos Pobres. Era sábado e a tarde é livre.

Apresentaram-se três rapazes, o Filipe, o Santiago e o Ivanoel. Gente adulta e possante.

A nossa camioneta é um instrumento admirável para estas acções.

Carregámos, então, uma cama completa com colchão e roupa, um móvel de cozinha com fechadura para guardar as comidas, três sofás de pele, bem jeitosinhos, e fomos à casa fantasma dos nos-

sos Pobres. Levamos connosco o nosso carpinteiro, o qual, para os pobres, não tem sábados nem domingos, mais o René que percebe bem de canalização e foi escolher, ao sótão, uma sanita e um lavatório.

Descarregada a mobília, fomos a casa de uma pessoa amiga levantar um magnífico roupeiro, com três portas; uma arca frigorífica, que levamos para a mesma casa ficando o roupeiro com as costas a tapar uma janela.

Vou encomendar umas janelas, em alumínio, com vidro duplo que isole a temperatura e os barulhos e pôr persianas, também de alumínio, para segurar a habitação.

Naqueles bairros há outras casas sem janela e muita gente a viver lá dentro. O que fazemos, será bem feito, é impossível acudir a todos. Enquanto andávamos de um lado para o outro, ainda nesta tarde de sábado, carregámos, também, para outro casal jovem com uma menina de colo, uma cama de duas pessoas com colchão e roupa e uma cómoda, o que foi toda a mobília com que rechearam a pequena casa. Pediram-me um frigorífico.

Devo informar os leitores atentos aos meus gemidos, que a mãe e a menina que dormiam na estação de comboio já alugaram, por 150 euros, um quarto — que lhes pagarei todos os meses. □

PÃO DE VIDA

Padre Manuel Mendes

Uma infracção

NINGUÉM pode dizer: *Des-ta água não beberei...* Aconteceu, inesperadamente, numa situação para a qual fomos convocados, por ordem judicial, nomeadamente uma conferência numa Comarca complexa, dos arredores da Capital, em que abundam pilhas de processos.

Dura lex, sed lex. É verdade, quando a lei é justa e defende a dignidade humana, mesmo que seja severa, deve cumprir-se e não se pode desconhecer. Contudo, há situações em que não se deseja viver em estado de sítio. Qualquer dia teremos de pagar uma taxa pelo ar que respiramos, neste País de remediados, em plano inclinado para novos pobres que também emergem dos trabalhadores, com cortes duros em tempo de austeridade, pois a parada do consumismo e rega-bofe foi longe demais.

A convocatória veio atempada e com insistência de avisarmos o progenitor do menor, com 7 anos e patologia cardíaca, aguardando intervenção cirúrgica. Nos dias

precedentes, complicações respiratórias levaram-no à urgência e fizeram temer pela viagem longa, pois era obrigatória a sua presença.

Antes da hora marcada, estávamos à porta de um edifício tamanho e bem vigiado, no qual entrámos como caloiros. Nas suas imediações, vimos muitas tabuletas e até uma nesga para estacionar o derreado veículo. Caminhámos serenamente, pois o motivo era pacífico, e conseguimos descortinar o juízo respectivo. Nesta peregrinação, mesmo a 13 de Outubro, apresentámo-nos diante de uma jovem e bem preparada Juíza para escutar atentamente o veredicto, sobre um rapazito cuja progenitora está muito longe.

Todavia, o respeito pela nossa acção eclesial foi, depois, chumbado no exterior pela imobilização forçada do necessário transporte. Não se evitou uma pesada multa por estacionamento, efectuado longe da via pública e sem prejudicar outros. Desconhecíamos é que aquele bocadito de empe-

drado era taxado pela autoridade autárquica, mesmo com transporte de doente. Se Portugal é uma terra livre, até de haver privilégios para quem se serve do Estado, não convirá espoliar os pobres honrados e verdadeiros e quem os serve, não vá qualquer dia não se poder circular nas ruas, sem pagar imposto de transacções...

Tal pequeno foi confiado sem subsídios do erário público. Acabou por se sentar numa cadeirita, doada há algum tempo por um agente da autoridade, para regressar à sua Casa, estafado da viagem e retardado devido a uma infracção por desconhecimento, que se pagou bem cara. Um erro ou um fracasso não deverá desencorajar qualquer pessoa, quando se tenta dar o melhor e com boa intenção.

Jesus é forte, mesmo sem exército! Caminhou muito a pé e sobre as águas; e uma vez emprestaram-lhe um burrito, antes de O cravarem na Cruz. Quando dizia palavras duras aos instalados do Seu tempo, em defesa dos injustiçados, tentaram dar-lhe a morte. Contudo, Ele, passando pelo meio deles, seguia o Seu Caminho; que, afinal, desde a toca de Belém a estrela apontava para Jerusalém, para dar a Sua vida pela Verdade! □

DOCTRINA

Pai Américo

A miséria social só acaba quando a Humanidade acabar



«**S**EI — porque há muito tempo já, leio O GAIATO — quanto V. ama o anonimato e odeia o nomezinho e as listas de *caridade* que não são fruto daquele amor de que todos nós temos sede, mas do amor próprio. Sei. Eu tenho aprendido imensas e admiráveis coisas com a leitura do *Famoso*.

Eu era o presidente dos “Amigos da Boa Imprensa” no nosso Seminário, de que fazem parte quase todos os alunos teólogos. O assunto duma próxima reunião seria o grande problema do jornal português.

Eu não ficaria de bem com a minha consciência se não falasse do nosso querido O GAIATO. Falei. E fiz afirmações escandalosas — “o melhor jornal que conheço porque o único jornal onde palpita vida e amor; que nos obriga a ler tudo, tudo, até o anúncio da ‘Husqvarna’ e o desafio de futebol; em que as lágrimas muitas vezes saltam aos olhos da gente durante a leitura; que deixa sempre a mágoa de ser tão pequeno e só quinzenário”.

Li as condições de assinatura num número antigo:

— Quanto custa o jornal?

— Ler.

De resto, a Obra do Gaiato é um problema bem do nosso próximo campo de apostolado. Nós devemos procurar, nem mais nem menos, acabar com a Obra do Gaiato e O GAIATO. Se fosse possível!...

O nosso assistente, ao comentar e fechar a reunião, confirmou as minhas afirmações e completou-as.

Ele também lê O GAIATO.

No dia seguinte passei pelos quartos a trocar impressões — essa lista de 20 que vai junto. São poucos. Nem admira. As minhas palavras eram frias. Mas esses 20 incendiarão o nosso Seminário, creio.»

O Avelino tomou conta da lista e já enviou a cada nome seu quinzenal. Há hoje um Seminário na nossa terra, aonde vinte moços teólogos aprendem a viver e a praticar a Teologia. **Ciência alta. Mãe de todas as ciências, porque ciência do Amor. Deus é Amor. Este moço não é um inflamado, muito embora exulte com a leitura d'O GAIATO. É um compenetrado. Ele chama à questão social um problema. «Problema bem nosso», como ele se exprime. Aquele bem é um superlativo no pensamento do rapaz. Todo nosso, absolutamente nosso, quer ele dizer. Nosso — dos seminaristas, dos padres: o sal da terra!**

«**N**OSSO próximo campo de apostolado», continua o esperançoso teólogo. Mas isto é simplesmente verdadeiro. Nunca ouvi termos tão adequados num problema de tamanha urgência. Pela forma como se explica, este sacerdote de amanhã sabe o que quer. Ele queria acabar com a Obra da Rua mai-l'O GAIATO. Faz disso um dever. «Nós devemos procurar acabar.» Trabalhar com todo o afinco para isso: «nem mais nem menos». Maneira profunda e original de exprimir uma ânsia; uma tristeza. Ele sente, faz sua a penúria do seu semelhante. Tanto, que não se lhe daria de perder a leitura quinzenal do *Famoso* e trocá-la por um bem maior: ausência da matéria-prima no jornal. «Se fosse possível...!», diz ele.

Gosto do Joaquim Bragança, mesmo sem o conhecer. Tem de se fazer muito pequenino, o mais pequenino do seu curso, se não quiser desperdiçar ou, até, vir a perder o tesouro que hoje tem!

«**S**E fosse possível...!» A condição é muito bem observada. **«Em que muito pese aos perfeitos do mundo, a miséria social só acaba quando a Humanidade acabar. É preciso bater muito este ponto, porquanto não falta por aí gente de bem que acredita na possibilidade da sua extinção total. A última notícia da carta diz que o assistente, ao fechar a reunião, confirmou tudo quanto fora dito do jornal — e completou. Mais um delirante?! Seminarista ou já sacerdote? Não sei. Não importa. Sejam os Seminaristas cenáculo. Não vamos nós, padres e seminaristas, com a nossa ciência e o nosso prestígio e a nossa dignidade, a nossa posição, não vamos nós, digo, com todas estas ninharias, prejudicar a acção do Espírito Santo na nossa alma, fazendo que seja de outros um problema que é «bem nosso». Isso é que importa. Cenáculo, sim. Escola de homens importantes, não.»**

JOAQUIM BRAGANÇA, adeus. Se um dia vier a *enlouquecer*, a fazer coisas que *não convêm* e o tratem mal por isso, não faça caso e ande p'rá frente. Assim fizeram a outros. É o quinhão dos profetas. E aquele Grande, que um dia apareceu em Israel — esse é que foi! De nada lhe valeu «ter passado a fazer o Bem». Pagou como os mais. Pagou mais, porque maior. Como nenhum outro, porque o *Maior*.

Do livro *Doutrina*. 2.º vol.

BENGUELA

Padre Manuel António

Aflições

PAREI, no início da manhã, em frente da escola. Era a hora do começo das aulas. Centenas de crianças, desde a pré às classes seguintes, faziam a sua preparação, diante da bandeira nacional. Era um espectáculo lindo! A maioria absoluta destes filhos e filhas vêm dos bairros vizinhos. Aproveitam a estrutura escolar oferecida pela Casa do Gaiato, com a dignidade de construção existente em qualquer parte do mundo. Tenho, diante dos meus olhos, o mapa de Angola inteira. A sua grandeza é impressionante. Quem dera as crianças de todo o território angolano tivessem acesso à escola! Infelizmente, uma porção muito considerável dos filhos não podem gozar deste benefício que lhes é devido, como um direito natural. Temos esperança no futuro muito melhor, dado o empenho dos altos responsáveis. Aliás, o desenvolvimento da nação, nas suas vertentes mais sensíveis, passa pela escola. Por isso, o projecto educativo da Casa do Gaiato, desde o seu nascimento, põe a escola ao lado do refeitório. Estômago e inteligência, dimensões humanas essenciais, a par da vocação transcendente, espiritual. Eis o homem completo. A partir deste alicerce, faz-se a construção do edifício humano, em todas as vertentes possíveis e dignas. Vamos todos trabalhar neste projecto maravilhoso. A família ocupa o primeiro lugar. Que tristeza, quando os pais se demitem desta missão sublime, deixando os filhos abandonados, entregues a si mesmos! Aliás, uma das causas da existência das crianças da Rua está no abandono por parte dos pais. Esta atitude constitui um crime contra a humanidade, representada em cada filho abandonado.

O êxito do serviço educativo está no acompanhamento dos filhos, por parte dos pais. O mesmo se diz das outras crianças, por parte dos educadores. Sabemo-lo, por experiência própria. Aflige-nos muito a falta de quem nos ajude no trabalho maravilhoso de levar estes filhos abandonados, pelo caminho difícil, mas seguro, da promoção humana. Somos uma família muito grande. Batem-nos à porta, constantemente, para acolhermos outros mais. Hoje mesmo, num consultório médico, alguém veio ter connosco para recebermos um filho com catorze anos. Porquê? O pai e a mãe desapareceram e este adolescente dá muito trabalho a quem assumiu a sua educação. Por isso, a Casa do Gaiato seria um refúgio. Não é



a forma mais humana e coerente. Antes de mais, é necessário muito amor. Um coração que não ame, de verdade, não terá força para educar. É o amor que gera os filhos para a liberdade responsável, levando-os a assumir o seu papel na construção do homem digno que há-de ser. Porém, o amor é paciente, perseverante, sacrificado, até dar a vida, todos os dias, pela pessoa amada, presente nos filhos e em todos os educandos, desde os mais pequeninos, aos adolescentes e jovens. Está aqui o segredo da educação: O amor. Quantas vezes o desânimo pode bater-nos também à porta! A resposta está sempre no Amor que nos leva a assentar a vida na rocha da Esperança. É a nossa mensagem.

As aflições, doutra ordem, aqui partilhadas convosco, continuam. Estamos à espera. São os empregos para os rapazes mais velhos, para poderem realizar a sua autonomia, deixando os lugares para novos filhos. A necessidade de meios materiais para a restauração das moradias dos rapazes. O tractor ainda não chegou. Partilho convosco uma carta linda, cheia de amor:

«*Há dias recebi o jornal O GAIATO, que leio e releio sempre com muito prazer. Sabendo da necessidade que têm dum tractor, pensei logo em dar uma ajuda, embora pequena, mas de muito boa vontade. É uma migalha. Envio um cheque no valor de 50 euros. E mais...*» Tem o sabor do óbulo da viúva do Evangelho, tão agradecido e louvado pelo Senhor. É duma Maria. □

MOÇAMBIQUE

Padre Zé Maria

NESTA coisa de computadores ou se sabe tudo ou não se sabe nada. Recebi um novo para trocar por este. Andou, por duas vezes, na mão do técnico para instalar os programas, que são poucos, e vem na mesma. Ora isto faz-me lembrar que a vida também é assim. Tudo volta ao mesmo ou como diz o brasileiro: «A vida está má, mas quando muda, fica pior». Parece-me que a sabedoria da vida simples é a melhor. Os políticos espremem-se em exposições e engenharias intelectuais para mudar as coisas e elas vão cada vez a pior. Em Portugal está muita gente a cultivar o seu quintal. Fica mais barato produzir para consumo próprio que comprar. Voltamos ao passado e fintamos as teorias económicas. Já no marxismo soviético se dizia que 25% da subsistência era cultivada nos quintais de casa. Mas resta sempre o amargo indescritível dos poderosos, que por muito ter e muito haver, deixam o povo a ver navios. É tirânico o poder. Não é preciso inventar déspotas e matá-los com aviões da última geração. Não é preciso convocar manifestações, porque o povo cansa-se da luta sem nada alcançar. Não é preciso calar a democracia com bombas; nem é preciso Tribunal Internacional de Justiça, porque há sempre os que estão acima dela.

Só resta, que por causa disso tudo, o homem levante os olhos para o alto donde vem o seu socorro. Mesmo aqueles que não acreditam em Deus porque desacreditaram dos homens, se voltem para o Único que pode trazer a Paz. Quantos o estão fazendo, acabando com a vida

neste mundo, para a encontrar. É um sinal dos tempos em que vivemos. O homem é um número desde que nasce, e só para Deus é um ser semelhante a Ele e um filho muito amado. Só as razões da Fé, que vem pelo coração e não pela razão, levam a essa descoberta. Faz-me mozza interior, como a nossa pequena Igreja anda tão calada. Como o Evangelho de hoje diz, o reino de Deus é como a mais pequena semente de mostarda que germina, cresce e abriga as aves do céu ou a pequena porção de fermento que leveda toda a massa. Uma e outra nos fazem acreditar que Deus é que dá o acolhimento e abrigo àqueles que nele se refugiam ou de outro modo, um pequeno resto, com Deus, é o que permeia a humanidade em atitudes de acolhimento e partilha. A palavra Caridade já é tão bafienta, que nem nos meios eclesiais se usa, quando ela é a génese e

o resumo de todo o amor cuja fonte é Ele e só Ele. Até o Papa diz que «precisamos de uma ética de solidariedade» num esforço por ser entendido por quem não tem Fé. Nem o sangue de Cristo derramado como prova de amor é convincente. Outros o derramam por razões pessoais, políticas e até religiosas, misturando o seu sangue com o dos que matam, como foi lembrado no onze de Setembro. O mundo sem Deus está enlouquecido.

Ora eu queria aqui dizer que, em nossas Casas do Gaiato e no Calvário, no meio de tudo isto, somos loucos também. Os prudentes não se arriscam ou têm medo e calam-se. Continuaremos a gritar e alguém nos há-de ouvir ou desistimos. Será? Não posso crer. Nada nem ninguém me vencerá disso, até que Deus me cale a boca.

Desculpem os nossos Leitores, mas tenho tanto para dizer, que comecei por aqui e aqui tenho de ficar por hoje. Que a Paz encha os corações dos que nos amam. □



Capela da Casa do Gaiato de Maputo — Moçambique

O Banquete está preparado

A imagem representada pelo mundo, simbólica de qualquer realidade, transporta o espírito do homem para uma certeza maior, que ultrapassa os trâmites normais da razão e dá lugar a uma extraordinária expectativa que descortina o horizonte sombreado, e abre as portas para a Esperança. Esta que é considerada a última a morrer, mesmo depois do edifício em que se confiava, ter desmoronado. Por isso, no caminho do Bem só se encontram trilhos de Fé.

Quantas vezes, no Evangelho, Jesus compara o Reino dos Céus a realidades muito lindas, próximas à compreensão sócio-cultural dos seus destinatários. Aqui, salta à vista a imagem do Banquete, aquele que o Pai do Céu preparou e para o qual mandou chamar os convidados, mas estes, mostrando-se indisponíveis, seguiram adiante, para os seus negócios.

A santa Missa é o Banquete por excelência, tudo está preparado, somos felizes porque somos convidados. Dá-me pena ver os convidados indisponíveis para o banquete da vida e prontos para os banquetes, muitas vezes, cor-

ruptos e indignos. Quantos jovens preferem, hoje, seguir as suas próprias conveniências, em vez do cumprimento do seu dever cristão? À hora da Missa é que está marcada a partida de futebol, os caminhos vão dar às praias, para não falar dos que não se podem pôr de pé, porque estão encharcados de álcool. Nas Missas dos jovens, há canto lindo, danças, tambores e guitarras, tudo muito belo... até ao momento da sagrada Comunhão, onde poucos se aproximam dela. É desagradável sentar-se à mesa com o convidado e este não tomar parte do banquete. O Inácio, «Gordinho», é um rapaz nosso, cá do Lar, que já anda na Universidade, no Curso de Direito, é ele o cozinheiro na parte da manhã, e tão bem o sabe fazer, sobretudo quando é funge ao almoço — nesse dia não sobra nada no fundo da panela. Ele costuma dizer que cozinha com amor. Entre irmãos tudo se faz por amor. Mas vejo tristeza no seu rosto quando o que ele preparou com amor está sobre a mesa colocado e os irmãos não estão à hora da refeição. É triste o rosto humano quando não se tem tempo para Deus, nem os salões de beleza poderão devolver-lhe a

alegria de viver nem a loucura do álcool dará a paz inicial. Quando o homem não tem tempo para Deus, automaticamente deixa de ter tempo para si e para os outros. Então desfigura-se em vez de configurar-se à imagem de Cristo.

Repetidas vezes o convite continua a ser o mesmo, o banquete é para todos. Há que se ter cautela com esta onda do indiferentismo e do consumismo feitos moda nos nossos dias e que acabam arrastando as pequenas pedadas do bem para o fundo do túnel. Em nossa Casa, quando o banquete está preparado, os Rapazes aceitam de bom agrado o convite. A Eucaristia é o centro da nossa vida, tal como a Capela é o centro da Aldeia, e não tememos as correntes contrárias que trovejam fora dos nossos muros; pois já Pai Américo alertava sobre este perigo: «preparai a mesa, chamaí os rapazes para o banquete, e se eles não quiserem vir chorai com eles, chorai os nossos pecados». Como fez Pedro depois de negar o Senhor. As lágrimas lavaram-lhe os olhos, e com o coração convertido pôde contemplar a alegria do Ressuscitado.

Padre Quim



O jardim e uma das habitações da Casa do Gaiato de Malanje

MALANJE

Padre Rafael

«A sala encheu-se e a boda começou...»

DURANTE muito tempo escutamos a mesma lamentação: «As igrejas estão a ficar vazias». Geralmente, perguntamo-nos de quem será a culpa: da sociedade, da hierarquia, dos crentes... Este Evangelho sempre me ajudou a encontrar uma resposta razoável. Enfim, se já saímos para as praças, para as ruas e já convidamos os bons, os maus e os regulares para entrar — é melhor fazermos uma pequena reforma na igreja e fazê-las mais pequenas; mais ou menos de cinquenta pessoas. Então, podemos dizer que a igreja estava cheia e alguns tiveram de esperar. Mas, para dizer a verdade, para mim o mais importante é saber se me sinto feliz em pertencer a esta família e desfrutar dela em honestidade: partilhar do pouco que temos, ler a Palavra juntos, ajudar aqueles que sofrem.

Nunca deixei de sonhar com uma igreja que me trate como ser humano, uma igreja que esteja sempre a meu lado mesmo quando sentir alguma dificuldade; onde, sempre que entrarmos, trocaremos dois beijos e se alguém está a passar mal, nos juntamos para ver o que podemos fazer; onde procuraremos sempre a verdade, mesmo que nos doa... enfim, que pareça que nascemos da mesma mãe. Na verdade, são muito os convidados, mas poucos os que aceitam sê-lo seriamente. Mas, acima de tudo, uma igreja que, cheia ou quase vazia, te faça sentir inteiramente feliz por lhe pertenceres.

Esta semana inauguramos a capela da Cazeta e não cabia um alfinete, entre outras coisas, porque é pequena. Evidente é também o facto de serem somente avós e alguns jovens, os que trabalham para o bem da comunidade. Os catequistas são deslocados da guerra que, em muitos casos, não são bem vistos pelos demais. Também é evidente o facto de outras igrejas estarem presentes e seitas que, a maior parte das vezes, nos desviam os cristãos.

Todas as pessoas têm sede de Deus, pois é o único que fica mesmo depois da morte, ódio e destruição. O que posso dizer é que aquela capela, feita de barro e chapas, estava, naquele dia, preciosa — e só decorada com panos tradicionais...

Em nossa Casa do Gaiato estamos muito contentes, porque já temos energia eléctrica da rede pública. O gerador só trabalha quando nos desconnectam dela, mas temos já uma pequena despensa de gásóleo para atender essa necessidade. A Casa ganhou em silêncio e escutamos com maior nitidez a alegria dos nossos rapazes e dos jogos que fazem. O transformador foi-nos oferecido pelo Director da Empresa Nacional de Electricidade de Angola.

Há dias, chegou o Zé, é um antigo gaiato que, em tempos, saiu de nossa Casa castigado por um delito que o tempo veio a demonstrar não ter sido ele. Trouxe-o um carro, desde Luanda. O seu aspecto era desolador: um dos olhos sofre de catarata e vê apenas com o outro. Durante anos, trabalhou numa Missão; mas, com a mudança do sacerdote responsável, despediram-no e recomendaram-lhe regressar à Casa do Gaiato, para tratar da sua saúde. Ao chegar, disse-me que era um antigo gaiato e que não tinha mais família que não esta. Que com a idade de onze anos as tropas entraram na sua Aldeia e queimaram todas as casas com as pessoas dentro. Juntamente com outros rapazes, conseguiu escapar e nunca mais regressou. Na sua fuga, alguém lhe falou na Casa do Gaiato e por aqui se ficou. □

PENSAMENTO

Pai Américo

A canonização do povo não leva à glória dos altares, sim, mas é relâmpago inspirado; a voz dele é a voz de Deus. Se Jesus de Nazaré fosse de canonizar, tê-lo-ia sido pelo povo no «bendito seja o ventre que te trouxe mais os peitos que te amamentaram». Abnegação, generosidade, tino, nome, palavra — brilhantes por lapidar dentro da alma do povo. □